

Religião e Ressignificação: Subversões da Cruz na Vivência LGBT¹

Weberson Ferreira Dias²
Maria Eduarda Nascimento Protasio³
Giulia Maria Silva de Almeida⁴
Julia Sophia Correa Coutinho⁵
Instituto Federal do Amapá, IFAP

RESUMO

O artigo parte da teoria deleuziana da diferença, focando na ética do encontro entre corpos diversos e suas potências criativas em “acordos discordantes”. A partir da cartografia como método, analisa manifestações em que a comunidade LGBT ressignifica o símbolo cristão da cruz como forma de resistência. São abordados episódios como a capa do Lâmpião da Esquina (1980), a performance de Viviany Belebony na Parada LGBT de 2015, bem como a simbólica tatuagem na testa de Linn da Quebrada. Os resultados apontam que, apesar da repressão conservadora, há uma produção intensiva de sentido e visibilidade por meio da subversão desses signos religiosos, reafirmando a luta por reconhecimento e respeito.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; corpo; LGBT; simbolismo; cartografia.

Introdução:

A teoria deleuziana da diferença oferece uma potente ferramenta para compreender os encontros entre corpos distintos, principalmente quando esses encontros se dão em contextos de tensão, como no embate entre religião e sexualidade. Partindo da ética do encontro e da lógica do “acordo discordante”, este trabalho investiga como corpos e signos aparentemente inconciliáveis — como o corpo LGBT e os símbolos do cristianismo — se entrelaçam para produzir novos sentidos. Nesse percurso, a esquizosemiótica emerge como dispositivo para entender como esses signos são ressignificados em práticas de resistência. A análise parte de manifestações simbólicas em que a cruz cristã é reapropriada por sujeitos LGBT, evidenciando como, mesmo

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT03NO - Comunicação, Corporalidades e Minorias, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Doutor em Comunicação e professor do curso técnico em Publicidade do Campus Santana do Instituto Federal do Amapá (IFAP). E-mail: webersondias@gmail.com. O presente artigo é oriundo das discussões mobilizadas pelo Grupo de Pesquisa “Comunicação, corporalidades e minorias: Múltiplas Vivências” (IFAP).

³ Estudante do curso técnico em Publicidade do Campus Santana do Instituto Federal do Amapá (IFAP). E-mail: dudaprotas@gmail.com.

⁴ Estudante do curso técnico em Publicidade do Campus Santana do Instituto Federal do Amapá (IFAP). E-mail: giulia.mariasa@gmail.com.

⁵ Estudante do curso técnico em Publicidade do Campus Santana do Instituto Federal do Amapá (IFAP). E-mail: jujusophiacorreacoutinho@gmail.com.

diante da repressão, há uma produção intensiva de afetos e significados que tensionam a normatividade e apontam para devires criativo-revolucionários. Assim, esse artigo tem como objetivo central identificar de que modo dois corpos tão discordantes conseguem se unirem em prol do âmbito criativo-revolucionário.

Fundamentação Teórica: A teoria deleuziana da diferença possui vários aspectos. No presente artigo, o âmbito teórico parte da ética do encontro dos corpos. Nesses “embates” interessa-nos a relação intensiva deles num “acordo discordante”, que, muito embora sejam de natureza diferentes, possuem algo que os liga e produzem um sentido. Nesses termos, muito embora as faculdades sejam díspares, elas coexistem no ambiente do devir (Sales, 2014; Dias, 2023). Nessa toada, apresenta-se a esquizosemiótica (Cavalcante, 2025), juntando elementos que estruturam uma mensagem de resistência.

Metodologia: A metodologia adotada é a cartografia deleuziana, cuja pesquisa metodológica explora “regiões ainda por vir” (Deleuze; Guattari, 1995), criando mundos que expressam “afetos contemporâneos” (Rolnik, 1989). Nossa análise parte de duas fontes. Em julho de 1980, o Jornal Lampião da Esquina (ano 3, n. 26), estampou em sua capa uma cruz e sobre ela a manchete “A igreja e o homossexualismo (20 anos de repressão)”. O resgate da capa em questão foi possível através do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (Cedoc LGBTI+), idealizado pelo Grupo Dignidade. A matéria, denunciava que “a religião, e especialmente a tradição cristã, continua sendo um poderoso obstáculo para o movimento de libertação homossexual”. Segundo Ménard (1980, p.3), autor do texto, uma atitude não muda “uma condição profunda autêntica, na maioria dos casos imutável, e por assim dizer, ‘natural’”. Em outro momento, em junho de 2015, o movimento LBGT se utilizou novamente da cruz durante a 19ª Parada Gay de São Paulo. No evento, o movimento LBGT crucificou a modelo transexual Viviany Belebony, que embora justificasse o ato como um protesto anti-homofobia, após a participação, Viviany Belebony recebeu milhares de ameaças e foi ofendida na web, sendo intimada pela Polícia Civil de São Paulo para prestar esclarecimentos sobre a performance. Mais recentemente, Linn da Quebrada, artista trans, tatuou em seu rosto uma coroa de espinhos, um dos símbolos da tortura romana a Jesus Cristo.

Análise, Resultados e Contribuições: A partir da análise cartográfica em curso é possível dizer que há um “acordo discordante” na relação entre a simbologia cristã e a comunidade LGBT, muito embora o conservadorismo tente ofuscar a luta que há por trás da semiótica comunicacional entre eles. A partir dos signos religiosos, a minoria subverte seus significados e a partir do corpo ou dos usos que dele faz, se projetam como uma forma de torturar também membros dessa comunidade. Ao se apropriar destes signos cristãos, os homossexuais contraefetua sua realidade e ressignificam sua própria dor.

Conclusão: É possível dizer que a partir da utilização do símbolo cristão cruz pela militância, a população LGBT busca reconhecimento de existência, visibilidade midiática, mas acima de tudo respeito por parte da sociedade. Essa minoria sexual, embora acuada, consegue resistir, por vezes utilizando o jornal impresso e a mídia-corpo, quase sempre no âmbito político-relacional.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.
- BORGES, Túlio Marcus. A pesquisa como habitação de territórios existenciais: contribuições do método da cartografia. **Psicologia da Educação** (ONLINE), São Paulo, n. 43, 2016, p 101-104.
- CAVALCANTE, Diego Frank. **Esquizosemiótica e psicologia da diferença: acordos discordantes entre Peirce e Deleuze & Guattari**. Curitiba: CRV, 2025.
- CHAVEIRO, Eguimar; FADEL, Luiz Carlos. Por uma cartografia existencial: representações sobre a pessoa com deficiência. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate**, Aparecida de Goiânia, v. 3, n. 1, p. 14-25, 2017.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ DO VATICANO, **Persona Humana - Declaração sobre alguns pontos de Ética Sexual**, 1975.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. de Luís Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990. Disponível em: <https://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/art14.pdf>. Acesso em: 12 março 2025.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - vol. 1. Trad. de Aurélio Guerra e Célia Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DIAS, Weberson. Do limão à caipirinha: o humor e as linhas de fuga nas vivências gays de Baía Bahia e Raymundo Furacão no Youtube. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.
- DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ, **Declaração Dignitas infinita sobre a dignidade humana**, 2024.

DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ, **Declaração Fiducia suplicans sobre o sentido pastoral de bençãos**, 2023.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery; SANTOS, Claudiene. Novas de mapas de (trans)sexualidade e de gênero: pistas para pensar políticas trans e práticas pedagógicas. **Revista Cronos**: Revista do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal, v. 11, n. 2, p. 97-118, 2010.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. **A cartografia como método para as ciencias humanas e sociais**. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 38, v. 1, p. 45-59, 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSÁRIO, Nísia Martins; COCA, Adriana Pierre. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 41, n. 19, p. 34-48, 2018.

SALES, Alessandro. Deleuze: pensamento e acordo discordante. São Carlos: EdUFSCar, 2014.